

Teoria humoral e sua associação com o cultivo de tabaco pela Inglaterra (Séc. XVII)

Rodrigo Canossa Barbosa¹ 

Universidade Estadual Paulista

Resumo

O tabaco, na Inglaterra, foi um intoxicante cujo consumo começou a despontar sobretudo a partir do final do século XVI. Apesar das tentativas de colonização de Roanoke em 1587, os ingleses voltaram à Virgínia apenas em 1607. As expectativas eram altas para a colônia, incumbida de produzir mercadorias típicas das Américas, a fim de que a Inglaterra reduzisse suas importações da Península Ibérica. O tabaco logo se tornou o principal cultivo da colônia, sendo profundamente associado à Inglaterra seiscientista, o que provocou uma proliferação de debates em torno dele. Preocupadas com o bem-estar público, as autoridades medicinais que defendiam o uso do tabaco forneceram informações sobre técnicas de plantio adequadas para preservar as propriedades medicinais da erva. Propomos, neste artigo, a análise dessas técnicas e de sua associação à teoria humoral, sem perder de vista a relação com a Virgínia.

Palavras-chave: Virgínia; tabaco; Teoria Humoral.

Submetido: 21/07/2026

Aceito: 31/08/2026

¹ Mestrando em História (UNESP, Campus de Franca). Bolsa de Mestrado no País pela Fundação de Amparo à Pesquisa do Estado de São Paulo (FAPESP), nº do processo: 2023/17991-1; Bolsa de Estágio de Pesquisa no Exterior (BEPE) pela FAPESP, nº do processo: 2025/00369-1. E-mail: rodrigo.canossa@unesp.br.

Humoral theory and its relation to England's tobacco farming practices (17th century)

Rodrigo Canossa Barbosa 

Universidade Estadual Paulista

Abstract

In England, tobacco was an intoxicant that rose in popularity by the end of the 16th century. Despite the trials of the Roanoke colony in 1587, the English would return to Virginia in 1607. Expectations were high; it was tasked with producing American commodities so England could reduce imports from the Iberian Peninsula. Tobacco soon became the colony's primary crop and became deeply associated with 17th-century England, sparking many debates. Concerned with public welfare, medical authorities who advocated for tobacco use documented proper planting techniques to ensure the herb's medicinal properties. In this article, we analyze these techniques and their connection to humoral theory, while keeping their relationship to Virginia in view.

Keywords: Virginia; tobacco; Humoral Theory.

La teoría humoral y su relación con el cultivo del tabaco por Inglaterra (Siglo XVII)

Rodrigo Canossa Barbosa



Universidade Estadual Paulista

Resumen

En Inglaterra, el tabaco era una sustancia relativamente nueva que solo ganaría popularidad en los últimos años del siglo XVI. A pesar del fracaso de Roanoke en 1587, los ingleses regresaron a Virginia en 1607. Se depositaron grandes expectativas en la colonia, encargada de producir bienes característicos de las Américas para ayudar a Inglaterra a reducir sus importaciones procedentes de la península ibérica. El tabaco pronto se convirtió en el principal cultivo de la colonia, profundamente ligado a Inglaterra en el siglo XVII, lo que dio lugar a numerosos debates. Preocupadas por el bienestar público, las autoridades médicas que abogaban por el uso del tabaco dejaron constancia de técnicas de cultivo adecuadas para garantizar las propiedades medicinales de la planta. En este artículo, proponemos un análisis de estas técnicas y su relación con la teoría humoral, considerando también su conexión con Virginia.

Palabras clave: Virginia; tabaco; Teoría Humoral.

Introdução

Neste artigo, analisamos, no contexto da Inglaterra seiscentista, a associação que surgiu entre a fumicultura e a teoria humoral, possibilitada, entre outros fatores, pelo desenvolvimento colonial da Virgínia. O crescimento do mercado consumidor inglês de tabaco foi acompanhado por uma expansão marítima pelas Américas, sobretudo na Virgínia, que, vinte anos depois da falida Roanoke (1585-7), viu Jamestown emergir, junto com um influxo crescente de tabaco ao longo da década de 1610. A associação entre a Virgínia, a fumicultura e a teoria humoral que propomos não é artificial, pois nasceu de um extenso trabalho documental no qual observamos um movimento triangular entre essas categorias.

À medida que o consumo de tabaco subia, também crescia a preocupação das autoridades médicas com o abuso daquilo que consideravam um remédio e, por sua vez, a possibilidade de alto consumo era impulsionada pela expansão marítima e suas consequentes colônias fumageiras – sendo a Virgínia a de maior destaque. Tendo em vista os limites deste tipo de comunicação e o fato de que este artigo é fruto de uma ampla pesquisa, optamos por apresentar apenas uma pequena parte da documentação e das frentes de análise propostas.

Dessa maneira, trouxemos quatro documentos para este artigo, escolhidos tanto por habilitarem o desenvolvimento do nosso objetivo quanto por abrirem espaço para um diálogo que, acreditamos, merece ser expandido. Constituem os escritos de: John Rolfe² (1585-1622) sobre o estado da Virgínia, de 1616; Edward Bennett³ (1577-c.1664) sobre o descontrole do comércio de tabaco na Inglaterra, de 1620; “C. T.”⁴, sobre como cultivar tabaco e os males do tabaco espanhol para a saúde, de 1615; Giles Everard⁵, médico neerlandês publicado na Inglaterra em 1659, sobre a defesa do tabaco como uma panaceia e as formas adequadas de cultivo.

Aludimos, assim, de forma mais simplificada, ao caminho percorrido ao longo da pesquisa, porém, aqui, concedendo maior foco à relação entre a fumicultura e a teoria humoral

² ROLF, J. *A true relation of the State of Virginia left by Sir Thomas Dale Knight, in May 1616*. New Haven: Yale University Press: 1951.

³ BENNETT, E. *A treatise deuided into three parts, touching the inconueniences, that the importation of tobacco out of Spaine, hath brought into this land viz. 1 In the first is shewed how treasure was vsually brought into this land. 2 In the second, what hath and doth hinder the bringing of it, with other inconueniences. 3 In the third, how to remedie the one, and the other*. Londres: John Budge, 1620.

⁴ C. T. *An aduice hovv to plant tobacco in England and how to bring it to colour and perfection, to whom it may be profitable, and to whom harmfull. The vertues of the hearbe in generall, as well in the outward application as taken in fume. With the danger of the Spanish tobacco*. Londres: Nicholas Okes, 1615.

⁵ EVERARD, G. *Panacea; or The universal medicine: being a discovery of the wonderfull vertues of tobacco taken in a pipe, with its operation and use both in physick and chyrurgery*. Londres: Simon Miller, 1659.

na Inglaterra. Há muitos trabalhos competentes que trataram da história colonial da Virgínia e de sua associação à monocultura do tabaco ou de como a teoria humoral incorporou essa planta em suas formas de raciocínio. Portanto, qual é a posição ocupada por este artigo e pela pesquisa que o precede na bibliografia especializada?

É isso que desejamos explicitar nesta seção introdutória: adiantamos que propomos um olhar mais atento tanto à questão da nicotina no consumo de tabaco no século XVII quanto à fumicultura como importante categoria analítica na história dos intoxicantes. A nicotina, enquanto composto químico potencialmente viciante produzido por uma variedade de plantas do gênero *Nicotiana*, precisa ser adequadamente manejada, acreditamos, com base em estudos históricos sobre o tabaco. Exatamente porque partimos de um contexto social contemporâneo impactado pelo antitabagismo, é necessária atenção a essa proposta, pois é preciso estabelecer como sua relação com a teoria humoral marcou o período coberto por este artigo.

Já a fumicultura representa um espaço de mediação entre a produção comercial e o universo da medicina. Ao mesmo tempo em que é preciso estabelecer uma linha de raciocínio capaz de lidar com a produção comercial – voltada para o lucro –, também não podemos esquecer que, para uma grande parcela da população, o tabaco era, antes de uma mercadoria, um remédio e, portanto, deveria ser tratado como tal desde os campos.

A fumicultura da Virgínia não se desenvolveu isoladamente de outras regiões produtoras, como a Guiana e Barbados, nem de regiões espanholas importantes na importação de tabaco para a Inglaterra, como Trinidad e Caracas. A proposta deste artigo não é tratar do desenvolvimento colonial da Virgínia nem da relação de sua fumicultura com as outras regiões apontadas. Entretanto, com o intuito de contextualizar melhor C. T. e Everard, aludiremos à parte do caminho percorrido ao longo da pesquisa por meio de Rolfe e Bennett.

Essas fontes foram escolhidas entre a documentação porque sintetizam o mercado de tabaco na Inglaterra a partir da Virgínia, fornecendo dados suficientes para que C. T. e Everard fiquem contextualizados. Esses dois últimos autores foram selecionados justamente porque permitem a proposta de um debate com outros historiadores de diferentes áreas; longe de propiciar um ponto final a toda a questão, representam um ponto de partida para uma discussão maior à qual desejamos contribuir, em vez de selá-la.

Convém, antes de adentrarmos propriamente na análise documental, apresentar um breve balanço bibliográfico, para que o leitor possa compreender não apenas alguns autores que elucidam e corroboram as análises propostas, como também identificar a metodologia utilizada

na pesquisa. Apesar da História Atlântica ter sido importante para nós, sobretudo nas análises pertinentes à Virgínia, daremos destaque à outra metodologia utilizada e mais pertinente a este artigo: a História das Ingestões.

Sendo uma área ampla e intimamente relacionada com a História da Alimentação, reiteramos que, pela História das Ingestões, buscamos compreender o tabaco enquanto intoxicante americano, cuja produção criou uma dicotomia na Inglaterra: enquanto uns o compreendiam como um potente remédio, outros o viam apenas como uma valiosa mercadoria. Ambos os lados buscaram desenvolver técnicas agrícolas para sanar suas expectativas e, acreditamos, compreender o tabaco através desses extremos abre caminho para aprofundamentos no estudo de outras áreas e drogas.

Pelos objetivos deste balanço bibliográfico, convém apresentar apenas duas preocupações com as quais a pesquisa lidou: 1) quais são as atenções necessárias para o estudo de um intoxicante como o tabaco, particularmente na Inglaterra; e 2) como posicionar a questão do vício e da nicotina no século XVII, a fim de evitar anacronismos. O tabaco, como veremos, é um intoxicante de difícil definição, sobretudo porque alguns de seus limites – quando realocamos nosso foco para o consumo e o cultivo – esbarram em raciocínios e práticas mais próximos aos de alimentos do que aos de drogas, mas é exatamente nessa ambiguidade que podemos compreender essa planta. Para uma apresentação concisa, acreditamos que o trabalho por meio de extremos é o mais eficaz.

Em 1775, o historiador alemão August Ludwig von Schlözer⁶ (1735-1809) observou a dificuldade de se trabalhar com o tabaco, visto que poderia ser abordado sob múltiplos focos disciplinares, como o religioso, o econômico, o medicinal, o sociológico etc. Já em 2003, Anthony R. Rowley⁷ deparou-se com o mesmo problema ao tentar compreender por que a Inglaterra, dentre as outras nações europeias, disparou tão rapidamente no consumo de tabaco. Para seus objetivos, Rowley afunilou a amplitude da questão para a área da saúde, advogando pelo estabelecimento de dois ramos distintos de estudo, um devendo visar a aceitação pela comunidade médica e, portanto, as relações entre os discursos medicinais e a sociedade inglesa e, o outro, deveria tratar do uso da planta a partir dela mesma e suas representações entre os leigos, isto é, quais as justificativas de consumo dessa parcela da população.

⁶ COSNER, C. A. *The Golden Leaf: How Tobacco Shaped Cuba and the Atlantic World*. Nashville: Vanderbilt University Press: 2015, p.4.

⁷ ROWLEY, A. R. *How England Learned to Smoke: The Introduction, Spread and Establishment of Tobacco Pipe Smoking in England before 1640*. Tese de doutorado apresentada à Universidade de Iorque, 2003.

Como já apontado por James Walvin⁸, o tabaco, assim como outros intoxicantes, como o chá ou o café, passou pelos mesmos quatro estágios observáveis na Inglaterra, nos quais um produto é, primeiramente, consumido por uma parcela de nativos e estrangeiros, depois passa a ser recomendado pela comunidade médica europeia, faz seu caminho até os gostos da aristocracia e, por fim, acaba no cotidiano popular.

O que resta observar é que, após o estabelecimento de determinado intoxicante no cotidiano de consumo da ampla população, parte das críticas feitas pelos expoentes da medicina ou até mesmo pela aristocracia passava a ser marcada pelo desprezo pelas motivações populares de consumo e pela suspeita perante a rápida transição de ambientes de ingestão, ou seja, de um contexto medicinal/aristocrático para um popular.⁹ O preceito dessas observações que mais nos é caro é o fato de que bens de consumo, como o tabaco, após transitarem do ambiente estritamente medicinal para o leigo, necessitam ser consumidos com outras justificativas, fossem elas de socialização, distinção social, apazibilização sensorial ou dependência química.

É a partir dessa premissa que chegamos à questão da nicotina na teoria humoral. De fato, a nicotina não é um conceito presente na Inglaterra seiscentista, mas, como historiadores, ignorar sua existência seria fechar qualquer diálogo com o presente. Como Schlözer previu, o tabaco poderia ser tratado em diversos âmbitos e assim o foi: temos importantes trabalhos na área econômica, como os de Ruth S. Turpin¹⁰ e Marcy Norton e Daviken Studnicki-Gizbert¹¹; de cunho social, como os de James Horn¹² e Lauren Working¹³; e até mesmo como forma de construção imperial, como os de Joyce Lorimer¹⁴ e Charlotte A. Cosner¹⁵.

Apesar dos objetivos distintos desses autores, a nicotina é um ponto de convergência para todos, seja pelo diálogo com o tempo presente, seja como explicação para o consumo. Nem

⁸ WALVIN, J. *Fruits of Empire: Exotic Produce and British Trade, 1660-1800*. Nova Iorque: Palgrave Macmillan, 1997, p.70.

⁹ ROWLEY, 2003, p. 10-11.

¹⁰ TURPIN, R. S. *The Political Economy of Tobacco in the Seventeenth Century English Atlantic*. Tese (Doutorado em História) apresentada à Universidade de Purdue, 2017

¹¹ NORTON, M.; STUDNICKI-GIZBERT, D. *The Multinational Commodification of Tobacco, 1492-1650: An Iberian Perspective*. In: MANCALL, P. (ed.). *The Atlantic World and Virginia, 1550-1624*. Chapel Hill: The University of North Carolina Press, 2007.

¹² HORN, J. *Tobacco Colonies: The Shaping of English Society in the Seventeenth-Century Chesapeake*. In: CANNY, N. (ed.). *The Oxford History of the British Empire: The Origins of Empire*. Nova Iorque: Oxford University Press Inc., 2001, p.170-192.

¹³ WORKING, L. *Tobacco and the Social Life of Conquest in London, 1580–1625*. *The Historical Journal*: 2021, Vol.1, No.19, p.30-48. Disponível em: <https://doi.org/10.1017/S0018246X21000261>. Acesso em: 01 jun 2026.

¹⁴ LORIMER, J. *English and Irish Settlements on the River Amazon, 1550-1646*. Londres: Routledge, 1989.

¹⁵ COSNER, C. A. *The Golden Leaf How Tobacco Shaped Cuba and the Atlantic World*. Nashville, Vanderbilt University Press: 2015.

todos, entretanto, explicitaram a nicotina em seus trabalhos ou a transformaram em um diálogo incontornável e carente de atenção. O que propomos para a nicotina é uma devida contextualização do consumo de tabaco na Inglaterra seiscentista, ou seja, distanciamos-nos da explicação do crescimento do consumo como vício por parte da população inglesa. Essa “abordagem cultural”¹⁶ para o consumo nos permite não somente compreender de outra maneira as relações humanas com o tabaco, como também, na conceitualização de David T. Courtwright¹⁷ sobre a Revolução Psicoativa, observar a intencionalidade humana na fumicultura.

Isso não quer dizer, todavia, que os exemplos citados acima tenham sido descuidados em suas análises no trato do tabaco; devemos considerar que o manejo da nicotina talvez não tenha se configurado entre seus objetivos. O que observamos em seus escritos é ou pouca atenção à nicotina ou uma dispersão rápida da justificativa final de consumo por meio do vício. Horn ou Rowley claramente não acreditaram que o sucesso do tabaco enquanto intoxicante e mercadoria se deu apenas ao vício em nicotina; questões de sociabilidade e cultura também adentraram nos seus questionamentos.

Entretanto, leitores atentos observarão que a nicotina, enquanto categoria analítica, se diluiu ao longo das obras e, inevitavelmente, esbarrou na preconcepção do desenvolvimento de vício ou na de sua inevitabilidade, ou seja, como uma categoria onipresente. Assim, para esses autores citados acima, não é em uma passagem específica que lidam com a nicotina e o vício enquanto categorias. É uma questão que, por nossas leituras, consideramos diluída ao longo das obras, justamente porque tomam o vício como um preceito tão incontornável que não é necessário tratá-lo de outra forma; partem da ciência contemporânea, que sabe, de fato, que a nicotina é potencialmente viciante.

Porém, talvez o autor que melhor exemplifique isso seja Jordan Goodman¹⁸, que se encontra no outro extremo analítico da nicotina e no qual podemos observar isso com mais clareza. Já evidenciado pelo título de seu livro, *Tobacco in History: Cultures of Dependence*, Goodman debateu e posicionou a nicotina como aspecto central da história do tabaco. Para o

¹⁶ No sentido de ir contra concepções prévias sobre o uso de tabaco, característicos de uma sociedade antitabagista, na qual a compreensão das interações entre a nicotina e o sistema nervoso central humano tende a sair do tempo presente para explicar o passado. Dessa maneira, por “abordagem cultural”, objetivamos distanciar-nos dos raciocínios rígidos propiciados pela química, pela biologia e por outras áreas pertinentes ao tema, buscando ressaltar o caráter humano e individual observável no consumo de tabaco.

¹⁷ COURTWRIGHT, D. T. *Forces of habits: drugs and the making of the Modern World*. Cambridge: Harvard University Press, 2002, p. 2-3.

¹⁸ GOODMAN, J. *Tobacco in History: Cultures of Dependence*. Londres: Routledge, 1993.

autor, há dois fatos irrefutáveis sobre a nicotina: 1) indivíduos consomem tabaco com o propósito de oferecer nicotina para seus corpos; 2) a nicotina é um composto químico viciante capaz de produzir consumo compulsivo.¹⁹

De fato, é irrefutável o caráter potencialmente viciante da nicotina para o sistema nervoso central humano, contudo, afirmar categoricamente que indivíduos apenas consomem tabaco para se saciarem da necessidade de nicotina é incorrer na possibilidade de simplificar não somente a situação como também os próprios indivíduos e suas motivações internas. Goodman demonstrou-se ciente dos outros aspectos do consumo de tabaco que alavancaram sua popularidade, mas afirma diretamente que todos recaem na dependência fisiológica de nicotina.

Devemos considerar o momento de publicação da análise, pois as décadas de 1980 e 1990, como se pode observar na própria bibliografia utilizada pelo autor, foram férteis e pioneiras em estudos científicos sobre o vício em nicotina e os malefícios do cigarro. Isso significa que o trabalho de Goodman é completamente invalidado? De forma alguma, o autor faz importantes contribuições ao tema em sua obra. Em 1993, o livro foi uma das análises históricas mais completas a se apoiar nesse tipo de pesquisa de ponta sobre a nicotina e dialogar com outras áreas para além da história.

Desejamos apenas chamar a atenção para a problemática que tal simplificação pode engendrar em uma análise historicamente posicionada. Uma divisão tão severa quanto a de Goodman, que justifica o consumo de tabaco ao tratar a nicotina como um ponto final, deixa pouco espaço para compreender esse mesmo consumo por outras vias no passado. Não se trata de combater esta ou aquela linha historiográfica, e sim de propor uma abordagem mais atenta e humanizada para uma questão que julgamos importante nos estudos sobre tabaco. A documentação utilizada aqui tem justamente o objetivo de corroborar essa percepção, enquanto mantém a ciência de seus limites analíticos e aponta para a ampliação do debate em lugar de sua finalização.

Como dito anteriormente, a teoria humoral não possuía noção da nicotina e, como observou Phil Withington²⁰, afirmar a própria existência de vício, em sua concepção moderna de consumo compulsivo e dependência fisiológica, pode ser anacrônico. Como fica claro com

¹⁹ GOODMAN, 1993, p. 4.

²⁰ WITHINGTON, P. *Addiction, Intoxicants, and the Humoral Body*. The Historical Journal: 2022, Vol.65, No.1, p.68–90.

Withington, esse trabalho não é pioneiro nesse tipo de concepção sobre o consumo de intoxicantes, de modo que o expandimos apenas para o nosso objeto de estudo: o tabaco.

O outro extremo, além de Withington, que poderíamos citar e que talvez situe melhor o leitor para a análise de Goodman, é o trabalho de C. M. MacInnes²¹. O autor publicou seu estudo sobre o desenvolvimento do comércio inglês seiscentista de tabaco em 1926, ou seja, trinta e oito anos antes do Escritório do Cirurgião-Geral dos Estados Unidos disponibilizar pesquisas conclusivas sobre a associação entre o consumo de cigarro, o vício em nicotina e o câncer de pulmão, um momento histórico em que o consumo de cigarros era a forma mais comum de ingestão de nicotina nas sociedades ocidentais.

Apesar do cigarro ser já uma forma dominante de consumo de tabaco na década de 1920, ele ainda dividia grande espaço com charutos e cachimbos, cujos padrões de consumo são distintos dos cigarros e, portanto, merecem um tratamento particularizado, como pode ser denotado pelos trabalhos de Wolfgang Schivelbusch²² e Guillaume P. de Gurbert²³. Dessa maneira, MacInnes lidou com o consumo de tabaco de uma forma muito distinta em relação a Goodman, dando um destaque privilegiado para motivações sociais, culturais, medicinais e de caráter extremamente pessoal, como gostos e aromas de determinados tipos de tabaco serem mais atrativos do que outros, impulsionando o consumo.

MacInnes já tinha a conceituação de vício a seu dispor, mas sua sociedade ainda não problematizara o consumo de tabaco com a mesma intensidade que a de Goodman. Assim, o vício como categoria explicativa não é uma preocupação observável em seu trabalho. Esperamos que, apesar de breve em razão dos limites desta publicação, o leitor compreenda de onde partimos, com quais autores dialogamos e qual metodologia foi aplicada para produzir nossas análises. Adentremos, assim, na documentação.

Tabaco, cultivado pela saúde

John Rolfe, colono e secretário-geral da Virgínia, é frequentemente creditado como o “pai da indústria fumageira americana”, em razão de sua introdução de sementes de *N. tabacum* para substituir a *N. rustica*, natural da Virgínia. Seu *status* de salvador da colônia se deve

²¹ MACINNES, C. M. *The Early English Tobacco Trade*. Londres, Mackays Ltd., 1926.

²² SCHIVELBUSCH, W. *Tastes of Paradise: A Social History of Spices, Stimulants and Intoxicants*. Nova Iorque: Pantheon Books, 1992.

²³ GURBERT, G. P. *Tobacco: the commodification of the Caribbean and the Origins of the Globalization*. In: SANSAVIOR, E. (Org.); SCHOLAR, R. (Org.). *Caribbean Globalizations, 1492 to the Present Day*. Liverpool: Liverpool UP, 2015, p. 166-167.

justamente a essa razão, pois, como seu contemporâneo William Strachey²⁴ (1572-1621) observou, a *N. rustica* tinha um sabor desagradável. Porém, por que a simples introdução de novas sementes foi tão importante nesse período?

Como Lorimer²⁵ e os já citados Norton e Studnicki-Gizbert²⁶ observaram, a Virgínia enfrentou intensa concorrência da produção de tabaco nas Índias Ocidentais espanholas e até mesmo em assentamentos anglo-irlandeses²⁷ na América do Sul. O *N. rustica*, feito na Virgínia, em folhas curadas individualmente, enfrentou grande resistência por parte dos consumidores ingleses, que estavam acostumados ao negro tabaco em corda produzido “à maneira espanhola”, prática à qual voltaremos mais adiante.

O grande influxo legal e ilegal de tabaco espanhol rendeu múltiplas proclamações reais inglesas²⁸ e a observação de John Earle²⁹, em 1628, de que as tabacarias eram o único lugar onde a Espanha era preferida à Inglaterra – algo relevante quando levamos em consideração o profundo anti-hispanismo inglês nos séculos XVI e XVII, como demonstrado ao longo de todo o trabalho de William S. Maltby³⁰.

Para uma colônia monocultora como a Virgínia, a fatia de mercado que dominava era preocupante. Seria, entretanto, simplificar todo o desenvolvimento da colônia graças a Rolfe e a algumas sementes de *N. tabacum*; o desenvolvimento da Virgínia, ao menos no que concerne à indústria fumageira, está ligado a outros movimentos comerciais e coloniais no Atlântico, de expansão e contração, além da própria legislação inglesa e de suas interferências na comercialização. Como José I. M. Ruiz³¹ reiterou, a Coroa espanhola também estava ciente do

²⁴ STRACHEY, W. *The Historie of Travaile into Virginia Britannia: Expressing the Cosmographie and Comodities of the Country, Together with the Manners and Customes of the People, Gathered and Observed as Well by Those Who Went First Thither as Collected by William Strachey, Gent., the First Secretary of the Colony*. Londres: The Hakluyt Society, 1849, p. 121-2.

²⁵ LORIMER, J. *The English contraband tobacco trade from Trinidad and Guiana, 1590-1617*. In: ANDREWS, K. R. (org.); CANNY, N. P. (org.); HAIR, P. E. H. (org.). *The Westward Enterprise: English activities in Ireland, the Atlantic, and America 1480-1650*. Detroit: Wayne State University Press, 1979, p.124-151.

²⁶ NORTON; STUDNICKI-GIZBERT, 2007, p. 264-6.

²⁷ LORIMER, J. *English and Irish Settlements on the River Amazon, 1550-1646*. Londres: The Hakluyt Society, 1989, p. 82.

²⁸ Analisadas, na pesquisa da qual este artigo deriva, a partir de uma série de proclamações reais feitas na década de 1620 para controlar o comércio e o contrabando, cuja discussão não temos espaço para trazer aqui.

²⁹ LORIMER, J. *The English trade and exploration in Trinidad and Guiana, 1569-1648*. Tese (Doutorado em História) apresentada à Universidade de Liverpool, 1973. p.266-8.

³⁰ MALTBY, W. S. *The Black Legend in England: The development of anti-Spanish sentiment, 1558-1660*. Durham: Duke University Press, 1971.

³¹ RUIZ, J. I. M. *El tabaco de las Indias, la Real Hacienda y el mercado inglés en el primer tercio del siglo XVII*. Anuario de Estudios Atlánticos: No.61, p.14-17, 2015.

crescimento da produção inglesa e da diminuição das margens de lucro em suas próprias colônias.

A obra de Rolfe, intitulada *A true relation of the State of Virginia lefte by Sir Thomas Dale Knight, in May 1616*, foi publicada em um contexto muito particular para a Companhia da Virgínia de Londres (CVL), sendo um dos resultados de sua viagem à Inglaterra junto com sua esposa, Rebecca Rolfe, mais conhecida como Pocahontas (1595-1617). Rolfe foi convidado a fazer essa viagem por Thomas Smythe (c.1558-1625), tesoureiro da CVL, para apresentar sua esposa aos acionistas da companhia e atrair novos investidores, já que a mensagem do casamento de Rolfe com Pocahontas era clara: a paz tinha sido selada com a Confederação Powhatan e agora os ingleses estavam livres para colonizar a Virgínia. Vale reiterar que a publicação de Rolfe fazia parte de uma disputa interna entre Smythe – que vinha sofrendo severas críticas à sua gestão – e Edwin Sandys (1561-1629) pela influência da companhia, com Sandys patrocinando a publicação de Raphe Hamor³² um ano antes para cimentar suas visões coloniais.³³

Tendo em vista seus objetivos propagandísticos, o relato de Rolfe segue uma linha semelhante à dos já citados Strachey e Hamor, por exemplo, trazendo informações esperançosas sobre a extração de insumos básicos, o desenvolvimento da agricultura e a conversão dos nativos. Mas, o que nos interessa para os objetivos deste artigo, é seu comentário sobre a fumicultura, já que é o responsável pela introdução de sementes *N. tabacum* e de uma das primeiras “variedades” de tabaco da Virgínia, o “Orinoco” – cujo nome já entrega o propósito de associação, para os consumidores ingleses, com os prezados tabacos provenientes das regiões próximas à bacia do rio Orinoco, segundo Philip D. Morgan³⁴.

Apesar de ser tido como o salvador da economia virginiana, Rolfe foi breve quanto às suas perspectivas particulares sobre o plantio de tabaco, limitando-se a dizer que a planta ali prosperava e que, com um pouco mais de experimentação, equiparar-se-ia ao melhor tabaco das

³² HAMOR, R. *A true discourse of the present estate of Virginia, and the successe of the affaires there till the 18 of Iune. Together with a relation of the seuerall English townes and fortes, the assured hopes of that countrie and the peace concluded with the Indians. The christening of Powhatans daughter and her marriage with an English-man*. Londres: John Beale, 1615.

³³ Essa disputa de facções internas é algo demasiado extenso para ser apresentado neste documento e nos tomaria um espaço de exposição importante, o que não é tão pertinente aos objetivos deste artigo; por isso, limitamo-nos apenas a mencioná-la como uma das realidades do contexto de produção de Rolfe. Caso o leitor queira se aprofundar rapidamente neste tema, recomendamos a leitura dos textos complementares presentes no fac-símile de Rolfe utilizado aqui e dos trabalhos de John C. Appleby. APPLEBY, J. C. *War, Politics, and Colonization, 1558-1625*. In: CANNY, N. (ed.), 2001, p.55-78.

³⁴ MORGAN, P. D. *Virginia's other Prototype: The Caribbean*. In: MANCALL, 2007, p.361-2

Índias Ocidentais.³⁵ Podemos creditar isso a duas razões: a primeira é que, em toda a documentação pertinente à fumicultura e à Virgínia no século XVII, são escassas descrições específicas sobre o cultivo de tabaco; trata-se simplesmente de um tipo de informação limitada a alguns poucos relatos, como os de C. T. e Everard. A segunda, precisamos lembrar, é a opinião particular do monarca inglês Jaime I³⁶ (r. 1603-1625), crítico do consumo de tabaco pelos seus súditos.

Como dito, muitas eram as expectativas para a Virgínia, porém a realidade da monocultura do tabaco deixava muitos desgostosos, entre eles Jaime I, e isso explicaria a reticência de Rolfe em apresentar maior entusiasmo ou riqueza de informações em relação ao seu cultivo particular de tabaco; essa também é uma visão compartilhada por Susan C. Anderson³⁷ em sua própria análise de Rolfe. Estabelecemos, com esse relato seiscentista, não somente a existência de uma Virgínia monocultora interessada em melhorar suas práticas de fumicultura, como também de um contexto nem sempre receptivo ao tabaco na Inglaterra. Como veremos adiante com C. T. e seu contexto de produção, Jaime I não estava sozinho em suas críticas.

Já Edward Bennett é uma fonte que complementa tanto C. T. quanto Rolfe, pois endereçou os problemas causados pela importação desregulada de tabaco na Inglaterra, reclamação que veremos ecoada em C. T. e subentendida nas tentativas de Rolfe de produzir novos e melhores tabacos para ganhar maior margem comercial. Bennett, de origem neerlandesa³⁸, foi um importante comerciante de tabaco em Londres, acionista da CVL, colono da Virgínia e hábil navegador que transportou outros colonos para suas propriedades.³⁹

O panfleto de Bennett, com o autoexplicativo título de *A treatise deuided into three parts, touching the inconueniences, that the importation of tobacco out of Spaine* provavelmente fora organizado para circular apenas entre os acionistas da CVL, como forma de trazer à tona uma parte dos problemas que a companhia enfrentava em 1620 e propor

³⁵ ROLFE, 1951, p.34-5.

³⁶ *A Counterblaste to Tobacco*. Londres: R. Barker, 1604.

³⁷ ANDERSON, S. C. *A Matter of Authority: James I and the Tobacco War*. Comitatus: A Journal of Medieval and Renaissance Studies: Vol.29, No.1, 1998, p.150.

³⁸ ENTHOVEN, V.; KLOOSTER, W. *The Rise and Fall of the Virginia-Dutch Connection in the Seventeenth Century*. In: BRADBURN, D. (ed.); COOMBS, J. C. (ed.). *Early Modern Virginia: Reconsidering the Old Dominion*. Charlottesville: University of Virginia Press, 2011, p.94.

³⁹ BODDIE, J. B. *Edward Bennett of London and Virginia*. The William and Mary College Quarterly Historical Magazine: Vol.13, No.2, 1933, p.117-130.

soluções. Com efeito, foi elogiado por Sandys, em 1621, por sua proatividade ao levar a questão para além da Corte da Virgínia até a Câmara dos Comuns.⁴⁰

O ano de 1621 é outro momento importante para a CVL, já que Smythe acabara de ser destituído de seu cargo de tesoureiro em favor de Sandys, acusado de enriquecer às custas da companhia. Dessa maneira, Bennett⁴¹ demonstrava não apenas sua preocupação com a riqueza da nação, que, em sua opinião, se esvaía nos portos espanhóis devido à compra de tabaco, como também com a CVL e suas dificuldades internas.

Bennett organizou seu discurso em três partes: discutiu como os tesouros das Índias chegavam à Inglaterra, como o comércio de tabaco provocava inúmeros inconvenientes à nação e, por fim, como remediá-los. Segundo o autor, a Inglaterra se tornara motivo de chacota na Espanha, pois quando descarregava suas mercadorias para comerciar, os espanhóis diziam, provocando-os, “Que todo isso se pagtaa con humo; [...]” (Bennett, 1620, para.4). Bennett escrevia no exato momento em que a Espanha acabava de organizar seu monopólio sobre a produção de tabaco na região da Nova Andaluzia, já que as proibições⁴² de plantio anteriores não obtiveram o efeito desejado e os portugueses mantinham um próspero comércio de reexportação de tabaco de Lisboa a Londres.⁴³

O maior problema, para ele, decorrente dessa situação era o déficit causado pelas importações de tabaco espanhol, uma vez que a Espanha aceitava apenas prata, o que provocava escassez de moeda interna e dificultava o escoamento das mercadorias inglesas. Essa dependência das Índias Ocidentais, entretanto, poderia ser cessada com o desenvolvimento da Virgínia, sobretudo de sua fumericultura. Bennett acreditava que as críticas aos tabacos provenientes da colônia norte-americana eram resultado de algo passageiro, já que logo seriam encontradas terras melhores e, conseqüentemente, produziriam tabacos de melhor qualidade.⁴⁴

Sua solução para tudo isso era a proibição total do comércio de tabaco com a Espanha e suas possessões. Essa perspectiva de Bennett não existia apenas em seu próprio microcosmo, mas era resultado de uma crise econômica da qual muitos outros ingleses também estavam cientes. Jaime I manteve uma política externa apaziguadora em relação à Espanha nos primeiros anos de seu reinado, enxergando-se como um *rex pacificus*, o que, aliado ao seu desejo de se

⁴⁰ BODDIE, 1933, p.119.

⁴¹ BENNETT, 1620, para.4.

⁴² RUIZ, 2015, p.3.

⁴³ NORTON e STUDNKICKI-GIZBERT, 2015, p.270-1

⁴⁴ BENNETT, 1620, para.7.

casar com Castela, resultou em maior permissividade econômica em relação aos interesses espanhóis.

Na década de 1620, entretanto, com a Guerra dos Trinta Anos (1618-1648) e o aumento das tensões com a Espanha, Jaime I viu-se forçado a adotar uma política externa menos permissiva. Assim, o monarca convocou o Parlamento para debater a posição da Inglaterra perante os novos eventos do continente e propor soluções para as dificuldades econômicas que o país vinha enfrentando; inevitavelmente, os parlamentares discutiram a escassez pecuniária da nação e por que Jaime I ainda não havia tomado uma atitude.⁴⁵ O Parlamento ecoou as reclamações de Bennett e de C. T., mas a proibição total da importação de tabaco só viria em 1624⁴⁶.

Assim como Rolfe, Bennett atentou-se à forma de posicionar seu pedido para Jaime I. Apesar de admitir a predominância da indústria fumageira na região, a propunha como uma situação passageira ou, ao menos, complementar, similar ao que ocorreu nas colônias espanholas, que antes também produziam tabaco, mas logo se diversificaram para outros cultivos; caso a Coroa auxiliasse a Virgínia, essa logo desenvolveria outras mercadorias além do tabaco, preenchendo os cofres reais. Apesar de sua mobilização, Bennett admitiu que continuaria a importar tabaco espanhol enquanto a Coroa inglesa não regulamentasse a situação, pois o comércio prejudicava profundamente os investidores da CVL.

Antes de adentrarmos nas observações de C. T. e Everard, convém apresentar algumas informações concisas sobre a teoria humoral seiscentista; ainda assim, recomendamos ao leitor a familiarização com a obra de David Gentilcore⁴⁷, pois é uma importante base interpretativa. O autor nos informa que, dentro da teoria galênica, o corpo podia ser dividido em três constituintes básicos: 1) os “naturais”, que eram os elementos, humores, faculdades e espíritos; 2) os “não-naturais”, que eram tudo aquilo capaz de afetar a saúde do corpo; e 3) os “contra a natureza”, que eram as doenças, suas causas e sequelas. A dietética e a farmacologia preocupavam-se com o segundo item, cujo nome, “não-natural”, não significava necessariamente artificial, mas sim tudo o que era exterior ao corpo.⁴⁸

⁴⁵ TURPIN, 2017, p.74-5.

⁴⁶ *By the King, Proclamation for the vitter prohibiting the importation and vse of all tobacco, which is not the proper growth of the colonies of Virginia and the Summer Islands*. Londres: Bonham Norton e John Bill, n.p., 1624.

⁴⁷ GENTILCORE, D. *Food and Health in Early Modern Europe: Diet, Medicine and Society, 1450-1800*. Londres: Bloomsbury, 2016.

⁴⁸ GENTILCORE, 2016, p.17.

Dentro dessa categoria, Gentilcore observa que os discípulos de Galeno criaram seis divisões, responsáveis tanto pela saúde quanto pela doença, sendo elas: ar; comida; bebida; movimento e descanso; sono e despertar; repleção e evacuação; e as paixões. Não apenas a natureza intrínseca ao indivíduo lhe geraria uma combinação e um equilíbrio particulares dessas necessidades, como também as circunstâncias de sua vida e de seu ambiente eram capazes de afetá-las.

É dentro desses “não-naturais” que o tabaco se encaixava, mas, de acordo com os autores, poderia variar entre as seis categorias, raramente distanciando-se de “comida” ou “bebida”. Duas características gerais englobavam essa visão do corpo humano: a “nutrição” e o “individualismo”; dessa maneira, reforçava-se a ideia de que nem todos os corpos eram iguais nem requisitavam os mesmos alimentos e intoxicantes para funcionarem da melhor maneira.⁴⁹

Mas, para entender os não-naturais e suas divisões, precisamos também discernir os quatro princípios fisiológicos mais característicos da teoria humoral: os humores. Os quatro fluidos corporais – sangue, fleuma, bÍlis amarela e bÍlis negra –, que compunham os humores, eram a definição mais básica da saúde de um indivíduo, que poderia estar ameaçada caso estivessem em desequilíbrio.

A predominância de um desses fluidos sobre os demais poderia gerar quatro humores: o sanguíneo, o fleumático, o colérico e o melancólico. Gentilcore afirmou que a complexão natural de um indivíduo é o que definiria os problemas de saúde que enfrentaria e quais não-naturais deveria ingerir para saná-los. Porém, todo tipo de matéria orgânica tinha suas propriedades qualitativas, que, por sua vez, eram divididas em quentes, frias, secas e úmidas. Assim, por exemplo, indivíduos de humor naturalmente sanguíneo tinham uma “complexão” grosseira e um temperamento irritadiço, já que seus corpos eram quentes e úmidos.⁵⁰

Essas propriedades qualitativas são o que dão espaço, como veremos, para discussões sobre as propriedades do tabaco em nossa documentação, que estavam longe de ser unânimes entre as autoridades médicas. Além de se basearem nas observações dos Antigos, os médicos da modernidade também punham em prática suas próprias experiências para determinar essas propriedades, sendo o sabor a forma mais comum de identificá-las adequadamente, segundo Gentilcore.

⁴⁹ GENTILCORE, 2016, p.19.

⁵⁰ GENTILCORE, 2016, p.15.

Sabores doces e salgados comumente eram classificados como quentes e úmidos e, porque a umidade e o calor eram essenciais para a vida, tendia-se a identificar os alimentos e os intoxicantes mais nutritivos e eficazes; já aquilo que era picante ou causava alguma sensação na língua – como especiarias, ervas e sais – era classificado como quente e seco.⁵¹ Gentilcore argumenta que, sendo essas classificações baseadas no gosto, não é difícil imaginar as discordâncias entre as autoridades médicas, o que ficou ainda mais evidente com a chegada de novas plantas das Américas.

Com esse breve caminho feito, podemos prosseguir para a obra de C. T., intitulada *An aduice hovv to plant tobacco in England and how to bring it to colour and perfection, to whom it may be profitable, and to whom harmfull*. Apesar de publicar de forma anônima, é evidente, pela escrita e pelas informações disponibilizadas, que C. T. era um indivíduo letrado e com conhecimento sobre a teoria humoral e a história do tabaco. Essa anonimidade, entretanto, ao mesmo tempo que nos impossibilita de analisá-lo enquanto indivíduo, também revela um pouco sobre a delicadeza do debate no qual se inseriu na Inglaterra.

Tanto Anderson quanto MacInnes observaram, nas primeiras décadas do século XVII, uma espécie de “guerra panfletária” em torno do tabaco e de outros intoxicantes cujo consumo aumentou na Inglaterra. O *A Counterblaste to Tobacco* de Jaime I também foi publicado anonimamente e evidencia a delicadeza do momento, enquanto, ao assumir a autoria em 1616, demonstrou o grau de descontentamento pessoal do monarca com o comportamento de seus súditos.⁵² O panfleto de Jaime I, além de criticar a moralidade do uso de tabaco, também o posicionava como uma preocupação de âmbito estatal, capaz de desequilibrar toda a ordem social. Consequentemente, acabou por elevar a importância do debate, atraindo cada vez mais homens de conhecimento médico, como C. T., em vez de poetas e outros leigos.

Todavia, o monarca não fora pioneiro do tema, já que em 1602 outro anônimo identificado apenas como “Philaretos” publicou o panfleto *Work for chimney-sweepers*⁵³. Nele, descreveu as perniciosidades do tabaco e seu desgosto com tal costume proveniente de povos que julgava bárbaros. Porém, conta-nos MacInnes, Philaretos logo seria respondido pelo panfleto *A Defence of Tabacco*, [...] de Richard Browne, que sintetizou, um a um, os argumentos dos detratores do tabaco para respondê-los em todos os âmbitos.⁵⁴

⁵¹ GENTILCORE, 2016, p.20.

⁵² ANDERSON, 1998, p.158.

⁵³ MACINNES, 1926, p.37.

⁵⁴ MACINNES, 1926, p.38-9.

Não replicaremos aqui todos os argumentos e contra-argumentos do período coberto por MacInnes ou Anderson nesses panfletos, já que não compõem nossa documentação. Limitamo-nos a dizer que são evidências, como esses autores defenderam, do profundo debate que o consumo de tabaco provocou, contribuindo para uma contextualização adequada dos escritos de C. T. A profusão de publicações sobre esse tema em particular na Inglaterra seiscentista representa uma possível área de expansão do diálogo da História das Ingestões, já que traz tanto camadas leigas quanto especialistas para uma mesma área, que certamente pode ser expandida. O fato de se tratar de panfletos não diminui sua importância enquanto fontes históricas, já que devemos considerar que, em seu contexto isabelino e jacobino de produção, representavam uma importantíssima forma de comunicação nesses períodos.

O título do panfleto de C. T. é bem elucidativo sobre os pontos que abordará, referenciando: 1) a fumicultura, ao informar como curar o tabaco adequadamente; 2) quem deveria consumir a planta, pois poderia ser benéfica para uns e maléfica para outros; e 3) os males do tabaco espanhol, os quais dividiu em riscos à saúde e problemas econômicos. C. T. produziu um longo panfleto claramente escrito por um indivíduo informado na questão, trazendo os escritos de Nicolás Monardes (c.1493-1588), André Thevet (1516-1592), Jean Nicot (1530-1604) e John Gerard (1545-1611).

Começamos justamente por aquilo ao qual o tratado de C. T. buscou se opor, o tabaco produzido à maneira espanhola⁵⁵. O autor define o tabaco espanhol como um rolo de cor negra artificial, ou seja, obtida de forma não natural e, portanto, maléfica para a saúde, feito da produção de um xarope à base de melaço de cana, água salgada, pimenta-caiena, borras de vinho e sementes de anato.⁵⁶ Segundo C. T., essa mistura era produzida para tornar o tabaco mais comerciável, já que escondia os defeitos de cura e o uso de folhas podres, prática essa que nascera do próprio raciocínio dos fumicultores espanhóis, que perceberam que os ingleses valorizavam apenas duas coisas no tabaco: a cor e a ardência no nariz.

Não temos, nesse documento, o raciocínio espanhol por trás dessas práticas, porém, C. T.⁵⁷ providenciou um raciocínio baseado na teoria humoral para condená-las. Os ingredientes,

⁵⁵ Reiteramos, neste ponto, o recorte documental inglês deste artigo. Não aspiramos a apresentar aqui a categoria “tabaco espanhol” em todas as suas definições e práticas, tanto porque foge dos objetivos propostos quanto porque requereria uma expansão documental que cobrisse Espanha, Portugal e qualquer outra nação europeia que se dispusesse a explicar sua percepção particular da produção de tabaco espanhol. O que trazemos aqui, isto é, a contribuição deste artigo, é o manejo, realizado pelos ingleses, dessa forma de fumicultura no início do século XVII.

⁵⁶ C. T., 1615, para.3-4.

⁵⁷ C. T., 1615, para.5.

quando considerados separadamente, eram de fato saudáveis, mas era sua mistura que os tornava perigosos, segundo o autor. Ao seguir esses ditames, os espanhóis acabavam por alterar toda a pureza do tabaco, inoculando seus benefícios, pois o mel, quando misturado com água, tornava-se um forte veneno, enquanto os demais ingredientes eram tóxicos quando ingeridos na forma de um fumo.⁵⁸ Apesar do efeito não ser instantâneo, prosseguiu o autor, milhares de ingleses eram envenenados todos os anos por esse tipo de tabaco que tanto apreciavam.

C. T. também nos informou em que consistia um tabaco benéfico à saúde, que era aquele curado em folhas separadas e de coloração fulva, comumente visto nas trocas com os nativos. Esse tipo de tabaco, cujas propriedades medicinais não haviam sido alteradas, podia ser obtido diretamente com os nativos na costa guianesa, na ilha de Santa Lúcia, em São Vicente e em Hispaniola.⁵⁹ Esses tabacos, na visão do autor, encontravam-se em sua forma mais pura, sem a adição de misturas nocivas.

Assim, com o intuito de habilitar seus leitores a produzir um tabaco de qualidade, C. T. relata, passo a passo, com o que qualquer aspirante a fumicultor deveria se preocupar para produzir um fumo medicinalmente útil. Descrever todas as práticas recomendadas – do plantio em berços e da qualidade do solo às práticas de desbrota, defloração, tostagem etc. – e o raciocínio por trás de todas elas produziria, por si só, um outro artigo, pois C. T. foi minucioso, já que claramente tinha como público-alvo aqueles que eram completamente leigos na fumicultura.

O que interessa abordar aqui, todavia, é a implicação medicinal por trás das propostas de C. T. Pelas críticas feitas à maneira espanhola de melar o tabaco e a proposição de outras regiões para comerciar por variedades mais saudáveis, fica evidente que C. T. considerava o tabaco apenas como um remédio, não um intoxicante a ser consumido por lazer. E, para defender seu raciocínio, o autor pensou no tabaco a partir do ambiente americano do qual vinha e das necessidades dos nativos que o utilizavam.

C. T. acreditava que o tabaco era quente e seco, e era exatamente por isso que Deus deu essa erva aos nativos, cuja alimentação à base de frutas e legumes, a exposição à chuva e aos elementos e a dificuldade de obterem sal enchiam seus corpos de nociva umidade, que precisava ser remediada pelo uso de tabaco.⁶⁰ Já os ingleses, que bebiam vinhos e cerveja, dispunham de

⁵⁸ C. T., 1615, para.5.

⁵⁹ C. T., 1615, para.8.

⁶⁰ C. T., 1615, para.37.

sal e especiarias e se vestiam adequadamente, tinham pouca necessidade das virtudes da planta, segundo C. T., que se preocupava ainda mais com o abuso feito pelos jovens desse potente remédio, que frequentemente o misturavam com vinho, intensificando as qualidades já naturalmente quentes e secas de seus corpos. Não vemos nele, nem mesmo em Everard, uma noção de dependência fisiológica provocada pelo intoxicante/nicotina, mas certamente os autores tinham noção de que o abuso de um medicamento poderia apenas prejudicar a saúde dos indivíduos.

Dessa maneira, em todas as suas recomendações – e condenações – de cultivo, o raciocínio por trás está na intensificação das propriedades medicinais; isto é, C. T. estava preocupado em potencializar o tabaco por meio de técnicas que, segundo seu conhecimento da teoria humoral, garantiriam que a planta mantivesse, na medida correta, suas qualidades quentes e secas e não fosse inoculada por misturas potencialmente tóxicas. Se não era o tabaco mais aprazível aos sentidos, C. T. concluiu que era melhor estabelecer uma produção nacional imperfeita do que buscar tabacos espanhóis a altos custos e maléficos à saúde.⁶¹

Aliás, os altos custos de importação e a proposta de produção nacional são o que o conectam à documentação apresentada acima. Assim como Bennett, C. T., cinco anos antes, endereçou o problema da escassez de prata na Inglaterra, propondo uma estimativa de que o comércio de tabaco espanhol, feito pela Inglaterra e pela Irlanda com a Espanha, era de aproximadamente duzentas mil libras anuais.⁶²

Apesar de ser uma cifra exagerada, o alarmismo da estimativa reforça a preocupação do autor com tal questão. C. T. condenou não apenas seus compatriotas gananciosos por tabaco, como também os espanhóis que, quando não o vendiam por dez vezes o valor da melhor pimenta, vendiam-no pelo seu peso em prata.⁶³ Consequentemente, para o autor, a Inglaterra enfrentava dois problemas: o primeiro era a impossibilidade de escoar suas próprias mercadorias e o segundo era que a proibição da Espanha da vinda de estrangeiros para as Índias Ocidentais impedia o desenvolvimento da indústria naval e da geração de hábeis marinheiros na Inglaterra.⁶⁴

Já com Rolfe, C. T. conecta-se à solução para esse problema econômico inglês. Enquanto homens como Rolfe e, principalmente, Sandys apostavam no desenvolvimento da

⁶¹ C. T., 1615, para.23.

⁶² C. T., 1615, para.1.

⁶³ C. T., 1615, para.2.

⁶⁴ C. T., 1615, para.2.

Virgínia, seja em sua fumicultura ou na produção de outras culturas, C. T. propunha a expansão do plantio de tabaco na própria Inglaterra como uma maneira de cessar a dependência das importações espanholas. Segundo Turpin⁶⁵, é provável que, em 1615, as recomendações de C. T. não tivessem tido grande impacto, mas, em 1619, temos relato das primeiras plantações em Gloucestershire, que seguiram prosperando ao longo de todo o século XVII, apesar de múltiplas proibições reais, como a subsequente de 17 de fevereiro de 1626⁶⁶.

Chegamos, por fim, aos escritos do médico neerlandês Giles Everard, que foram publicados na Inglaterra em 1659, com o título “*Panacea; or The universal medicine, being a discovery of the wonderfull vertues of tobacco taken in a pipe*”. Trata-se da coletânea de seus escritos anteriores de 1597 e 1644; porém, não temos como determinar quem foi o tradutor para a língua inglesa, nem mesmo se Everard estava vivo e ciente desta publicação em 1659.⁶⁷

Dialogando com Maria M. Portuondo⁶⁸, podemos compreender Everard como parte da *intelligentsia* europeia, um homem que, assim como Monardes, Johann Neander (c. 1596-1630) ou até mesmo C. T., buscou acomodar o tabaco, tanto em suas características naturais quanto em seu potencial medicinal, dentro da gama de conhecimentos europeus. Explicitamos isso, pois as informações sobre Everard são, de fato, uma expansão do diálogo que vimos em C. T. O neerlandês, ao passar pela taxonomia, história, práticas de cultivo, efeitos na saúde e preparação de fármacos, realiza o trajeto, observado por Bartolomé Yun-Casalilla⁶⁹, de tornar um intoxicante apto para o consumo perante as populações europeias.

Enquanto autoridade médica, precisamos também compreender Everard como um homem que propunha regras e soluções. Em razão do amplo espaço dedicado a curas e fármacos, podemos categorizar sua obra como pertencente à medicina preventiva, vide sua afirmação de que o tabaco era uma panaceia. Como Gentilcore observou,⁷⁰ esse tipo de literatura foi tão popular na Europa seiscentista que, em meados do século, já era um campo saturado. Mas quem traduziu a obra de Everard e os múltiplos fumicultores e comerciantes que

⁶⁵ TURPIN, 2017, p.74.

⁶⁶ *By the King, A Proclamation touching Tobacco*. Londres: Bonham Norton e John Bill, n.p., 1626

⁶⁷ Tendo em vista que lidamos com sua publicação na Inglaterra, ou seja, dentro de um contexto inglês de discussão medicinal sobre o tabaco, manteremos como prioridade essa localidade, já que, se nos propuséssemos a trabalhar com o contexto neerlandês de 1597 e 1644, teríamos que abordar as obras em latim e providenciar uma análise dos Países Baixos, o que foge dos objetivos deste artigo.

⁶⁸ PORTUONDO, M. M. *America and the Hermeneutics of Nature in Renaissance Europe*. In: ARAM, B. (ed.); YUN-CASALILLA, B. (ed.). *Global Goods and the Spanish Empire, 1492–1824: Circulation, Resistance and Diversity*. Nova Iorque: Palgrave Macmillan, 2014, p.107-132.

⁶⁹ YUN-CASALILLA, B. *The Spanish Empire, Globalization, and Cross-Cultural Consumption in a World Context, c. 1400–c.1750*. In: ARAM (ed.) e YUN-CASALILLA (ed.), 2014, p.340-376.

⁷⁰ GENTILCORE, 2016, p.26.

a patrocinaram – enumerados na seção introdutória do texto – viram ainda, ao menos na Inglaterra, um espaço e uma necessidade para esse tipo de discussão em 1659.

Dada a amplitude da obra de Everard, é preciso fazer escolhas quanto às informações que apresentaremos aqui, mas reiteramos, com o intuito colaborativo e de expansão de suas informações, a riqueza dessa fonte para distintas áreas da história, o que corrobora nossa proposta de que C. T. e Everard, enquanto homens da teoria humoral e especialistas em fumicultura, não são um ponto final no debate, mas sim uma porta de entrada. Tendo isso em vista e em consonância com o exposto anteriormente, privilegiamos o trabalho com seu raciocínio galênico na fumicultura.

O primeiro momento em que vemos esse tipo de teoria aplicada ao tabaco é na classificação do sexo das plantas. Enquanto C. T. admitia a existência de apenas dois tipos de planta, a masculina (*N. rustica*) e a feminina (*N. tabacum*), Everard acreditava que existiam três tipos, com base em tamanhos, formatos de folha e raízes etc.⁷¹ Todavia, o que provocava a distinção entre machos e fêmeas eram as qualidades do solo, a partir de uma percepção de hermafroditismo das plantas, segundo a qual solos mais quentes e ricos produziam machos, enquanto solos frios e arenosos produziam fêmeas. Nessa percepção, Everard considerava o *N. tabacum* como planta masculina e o *N. rustica* como planta feminina, opondo-se à C. T.⁷²

Outro momento de interseção entre fumicultura e teoria humoral pode ser visto nas discussões em torno do tabaco feminino/*N. rustica*, nos séculos XVI e XVII. Homens como Adam Lonitzer (1528-1586) e Rembert Dodoens (1517-1585), cita Everard, achavam tratar-se de um meimendro amarelo; já Joachim Camerarius (1500-1574) acreditava tratar-se de um meimendro do Peru, mas Everard posicionou-se com Jacques D'Aléchamps (1513-1588) – e C. T. – ao afirmar que não se tratava de um meimendro, e sim de outra espécie.

Sua justificativa era o sabor, que, como vimos com Gentilcore, era a principal instância de discernimento para tais questões, provocando grande volatilidade justamente por ser determinado pelas sensações que produzia na boca e, para Everard, o gosto pronunciado e picante que a mastigação das folhas produzia era prova suficiente de que não se tratava de um meimendro.

A mesma questão do sabor e dos efeitos da planta no corpo era a que gerava a diversidade de opiniões sobre as qualidades do tabaco. Apesar de Johann Bauhin (1541-1613)

⁷¹ EVERARD, 1659, p.7-10.

⁷² EVERARD, 1659, p.2-3.

considerar o tabaco extremamente frio e Mathias de l'Obel (1538-1616) quente em segundo grau, informou-nos Everard, Paul Reneaulme (1560-1624), com o qual concordava, que estava correto ao afirmar que as folhas verdes eram quentes e secas em segundo grau – já que esse era o temperamento que recebiam dos raios solares; mas, quando secas, atingiam o terceiro grau de intensidade.⁷³ Para Everard, o fato dos fumos do tabaco afetarem o cérebro, alterando-o, era prova concreta de suas qualidades quentes. Já Bauhin, ao menos na apresentação de Everard, afirmou que, justamente por afetar o cérebro, a planta era fria.

Trazemos esse tipo de observação para denotar a complexidade e a volatilidade do debate em torno do tabaco, que, apesar de pautado em um raciocínio galênico, o grau de pessoalidade propiciado por uma avaliação a partir dos sabores produzia discórdia entre as autoridades do período. Para um médico ou apotecário que desejasse produzir regimes dietéticos ou confeccionar fármacos, determinar as qualidades de um ingrediente, no caso, o tabaco, era vital. O próprio ato de curar a planta era suficiente para alterar suas propriedades, por isso vemos explícitas as distinções entre o uso de folhas verdes ou folhas curadas nas receitas à base de tabaco citadas por C. T. e Everard.

O que essa pluralidade de visões nos indica? Um desses indícios é a necessidade de ampliar esse debate, não apenas para os estudiosos interessados na História das Ingestões, com foco em intoxicantes, mas também para os historiadores da medicina seiscentista, que têm a oportunidade de ampliar a percepção e o tratamento atribuído pela teoria humoral a esses intoxicantes e às suas interações com a saúde individual de cada paciente. O outro, mais pertinente aos objetivos deste artigo, é a projeção dessa perspectiva humoral na fumicultura, ou seja, em uma prática agrícola, que observamos em nossa análise das fontes.

Ambos os autores coincidiram na recomendação de muitas práticas de cultivo, inclusive quanto aos melhores meses de plantio, já que enquanto C. T. pensava na produção no clima inglês, Everard pensava na produção nos Países Baixos, pois também considerava tolice buscar nas Índias aquilo que poderia ser obtido em casa. Se para C. T. as folhas importadas eram prejudiciais, pois não eram feitas segundo as práticas naturais dos nativos, para Everard o grande problema era serem inócuas, isto é, suas propriedades medicinais eram perdidas durante a travessia do Atlântico.

Para ele, a vantagem da produção local não era apenas a de disponibilizar um produto mais fresco, como também o mais apropriado para a constituição física dos locais, já que vinha

⁷³ EVERARD, 1659, p.13-14.

do mesmo solo que eles; ademais, assim também poderiam evitar as folhas adulteradas e podres que vinham de algumas localidades das Índias. Essa desconfiança também envolvia a Virgínia, cujo tabaco, segundo Everard, era preterido em razão do que vinha do esforço nacional dos produtores da Zelândia.⁷⁴

Mas talvez o mais interessante de se apontar aqui seja a discordância entre os autores quanto à mistura usada para untar os tabacos espanhóis, pois Everard acreditava que o caldo que os espanhóis usavam era parte essencial do feitiço de um bom tabaco e de um bom remédio. A receita providenciada pelo médico neerlandês, entretanto, era distinta da relatada pelo inglês C. T., o que apenas evidencia a complexidade dessa categoria de “tabaco espanhol” e como ela pode ser abordada a partir de múltiplos relatos. O caldo descrito por Everard continha uma base de vinho fortificado de Málaga acrescida de anis, gengibre e bastante sal. O autor supôs que tal prática fora uma adaptação espanhola do costume de alguns ameríndios de untar seus tabacos com um vinho produzido à base de tâmaras ou cocos.⁷⁵

Como mais uma prova da dificuldade de se falar sobre uma teoria humoral epistemologicamente unificada na Europa seiscentista, Everard não acreditava que essa mistura, produzida para melar o tabaco, se tornasse tóxica ao se transformar em fumos em um cachimbo. Assim como C. T., Everard era uma autoridade médica que condenava o uso de tabaco fora de contextos medicinais e, portanto, via a fumicultura como uma forma de produzir o melhor remédio possível; para ele, o melaço usado pelos espanhóis era parte essencial do processo. Mas devemos lembrar que, no contexto da obra de Everard, o consumo por meio de um cachimbo era o mais recomendado e, portanto, o autor concebeu a maior parte da produção com tal finalidade – porém, sem esquecer a versatilidade de inúmeras receitas de fármacos que requeriam o uso de folhas verdes ou de folhas misturadas a outras substâncias.

Outro ponto de discordância entre os autores é que, enquanto C. T. deu a entender que essas folhas eram primeiro torcidas e depois untadas, Everard não menciona a torção do tabaco. Depois de as folhas verdes terem sido untadas separadamente e forçadas a uma leve fermentação por pressão e calor, cobertas com panos e esterco, Everard recomendou o que seria equivalente ao momento da cura no texto de C. T.: as folhas deveriam ser então suspensas em um local aberto ao Sol, pois, sem seu calor, todas as suas propriedades virtuosas se dispersariam.

⁷⁴ EVERARD, 1659, p.26.

⁷⁵ EVERARD, 1659, p.24.

Contudo, assim como em C. T., não comentou sobre o raciocínio galênico por trás dessas práticas e, considerando as observações sobre a dificuldade de atribuir qualidades aos alimentos, por serem baseadas no sabor, seria infrutífero propor qualquer tipo de suposição nessa área, por mais que fizéssemos uso de generalizações, como a tendência de as especiarias serem classificadas como quentes e secas.

Cairíamos, assim, em um labirinto teórico; por exemplo, para um médico que considerasse o tabaco frio e úmido, o uso de especiarias quentes poderia equilibrar a planta, porém teríamos de supor que não somente tinha suas próprias noções sobre a intensidade dos ingredientes como também que a própria busca do equilíbrio entre humores era de fato necessária para seu paciente hipotético, pois seria possível que esse paciente tivesse um corpo quente e seco e, conseqüentemente, não necessitaria de um tabaco com especiarias. O que se extrai de forma concreta dos escritos de Everard é, portanto, a percepção do tabaco como remédio e as formas de habilitá-lo pela atividade nos campos, reforçando suas qualidades quentes e secas defendidas pelo autor.

Antes de relatar as virtudes do tabaco e as múltiplas doenças que era capaz de curar, Everard dispôs-se a trazer um extenso debate galênico, hipocrático e aristotélico para, inicialmente, definir o que era a fumaça do tabaco e se ela era realmente capaz de nutrir os homens. Esse debate da obra não é apenas um exemplo do conhecimento medicinal dos modernos; ele nos propicia um lugar privilegiado para compreender como o tabaco, uma erva antes desconhecida, existente apenas nas Índias Ocidentais, foi adaptado ao raciocínio medicinal do Ocidente e como seus efeitos foram justificados pelas autoridades médicas. Se desejamos conectar fumicultura e medicina, expor esse raciocínio também é essencial, uma vez que, como vimos, a própria produção de tabaco seguiu um raciocínio humoral nesses documentos, por ser concebida como a produção de um remédio e não apenas de uma simples mercadoria.

Ao comentar sobre como os ameríndios eram capazes de sobreviver sem qualquer tipo de nutrição, apenas com a fumaça de tabaco, Everard trouxe aos seus leitores a indagação sobre como isso era possível. Citando o conhecimento de Plínio, o Velho, Everard conta sobre os “Astomi” que viviam próximos à nascente do Ganges, um grupo de homens sem boca que se nutriam apenas de aromas. Outro exemplo, dado por João de Alexandria em suas leituras de Hipócrates, era o do filósofo Demócrito de Abdera, que viveu com o aroma de mel por quatro

dias; até mesmo Aristóteles já havia sido creditado por ter sobrevivido apenas com o cheiro de uma maçã.⁷⁶

Apesar disso, Everard nos relata que alguns argumentavam a impossibilidade da nutrição por aromas, usando Aristóteles para dizer que, sendo o toque parte da nutrição, o ar não poderia nutrir, já que era impossível ser tocado; ou usando Galeno, que dizia que nada que não passasse diretamente pelo estômago poderia nutrir e, possuindo o homem as propriedades da terra e da água, o ar era incapaz de lhe dar sustância. Para Everard, a resposta dessa negativa em particular estava na conceituação da fumaça do tabaco, que vinha da própria folha – que, por sua vez, vinha da terra, portanto, concordava com a natureza do homem –, e suas características quentes e secas, unidas ao aroma adocicado que apresentava, eram indícios da possibilidade de nutrição.⁷⁷

Como diferentes passagens de Hipócrates, Galeno e Aristóteles poderiam ser usadas para formular argumentos tanto a favor quanto contra a possibilidade de nutrição pelo ar, Everard propôs que a chave para solucionar esse problema era compreender o espírito. Segundo o autor, a vida do homem tinha quatro princípios materiais que lhe conferiam vitalidade: a água e a terra, referentes ao corpo, e o ar e o fogo, referentes ao espírito. Dessa forma, o homem necessitava de duas materialidades para repor suas forças: comida e bebida para o corpo e água e ar para o espírito.⁷⁸ Hipócrates propôs, seguiu Everard, uma dualidade para o espírito, incapaz de nutrir-se por sua falta de materialidade, mas necessitado de nutrição, já que era parte viva do corpo. Portanto, era necessário nutri-lo indiretamente por meio da saúde corporal e de sua energia, para que o espírito não entrasse em decadência e, conseqüentemente, não afetasse a saúde física.

Dessa maneira, Everard rechaçou os descrentes da nutrição pelo ar; de fato, o autor achava impossível que a carne humana pudesse ser nutrida pela fumaça de tabaco da mesma maneira que com alimentos. Mas, sendo a saúde espiritual a primeira linha de combate contra doenças e a possibilidade de nutrição do corpo, a contribuição da fumaça de tabaco era inegável: alentava o espírito, sua natureza etérea concordava com a dele e lhe dava sustância. A própria água, seguiu argumentando, não possuía valor nutricional algum; porém, quando mesclada a

⁷⁶ EVERARD, 1659, p.29-30.

⁷⁷ EVERARD, 1659, p.32-33.

⁷⁸ EVERARD, 1659, p.34-36.

outras substâncias – assim como o tabaco era mesclado a outras especiarias –, agia como catalisador das propriedades nutritivas de outros ingredientes.⁷⁹

Podemos, assim, compreender melhor a argumentação de Everard ao considerar o tabaco uma panaceia. Não se tratava de uma simples defesa de uma planta milagrosa, capaz de combater todas as doenças e, portanto, de eliminar a necessidade de quaisquer outras plantas e medicinas anteriormente concebidas. O tabaco era uma medicina de base; sim, suas características quentes e secas poderiam auxiliar os melancólicos ou os fleumáticos, mas sua maior contribuição residia na capacidade de fortalecer o espírito dos homens, de nutrir justamente aquilo que possibilitava a existência de uma saúde corporal.

Conclusão

O raciocínio proposto por Everard nos auxilia a observar a problemática de assumirmos, sem explicitar as noções correntes do período, a ação da nicotina nas relações dos homens com o tabaco, isto é, de torná-la o motivo fundamental e final de consumo. Poderíamos argumentar, por exemplo, que a nutrição espiritual da qual falou nada mais era do que uma sensação generalizada de bem-estar provocada no corpo humano pela nicotina e, portanto, que o próprio conceito de panaceia era uma necessidade para o tabaco, já que era uma forma de explicar e justificar seu consumo, assumindo-se, assim, que todo e qualquer uso tem o vício como pressuposto.

Everard – e a vasta quantidade de autores que lhe eram contemporâneos, nos quais se baseou – demonstra-nos a complexidade do debate sobre os efeitos do tabaco e como foi interpretado de forma muito distinta do conceito contemporâneo de vício. Como temos reiterado até aqui, Everard e C. T. são apenas dois documentos dentre uma gama de possibilidades, já que o trabalho com intoxicantes nesse período apresenta muitas vertentes e variáveis. Mas, de fato, são evidências de um espaço interpretativo que posicionou o consumo de tabaco dessa maneira e nesses termos e, conseqüentemente, precisam ser trabalhadas a partir de suas próprias concepções. É uma parte da percepção desse espaço que buscamos apresentar

⁷⁹ EVERARD, 1659, p.36.

neste artigo como contribuição para o debate, ressaltando a relação com a nicotina e unindo a fumicultura à medicina.

Apesar da percepção de vício não ser contemporânea nem a Everard nem a C. T., a noção de abuso de medicamentos é perceptível. Como C. T. que repreendeu jovens ingleses que abusavam sem necessidade das propriedades do tabaco e misturavam-no com vinhos e outras bebidas, Everard também se preocupou com os comportamentos da juventude – tema esse que ia além dos campos da medicina, chegando à religião e à moralidade, pois como Benjamin B. Roberts⁸⁰ observou, o excesso de consumo de tabaco e bebidas alcoólicas em tavernas e bordéis no início do século XVII causou grande rebuliço nos Países Baixos. Ao afirmar que o tabaco era excelente para o cérebro – a central de toda a fleuma do corpo –, ressaltou que não produzia essa defesa em prol daqueles que perdiam seus dias nas tabacarias e transformavam, desnecessariamente, seus cérebros em chaminés.⁸¹

Esses autores apontam para algo que pode e deve ser expandido por meio de mais pesquisas, mas, para os objetivos deste trabalho, acreditamos que suas observações são suficientes para cumprir a análise proposta. Sua associação com outra categoria de fontes, como as de Rolfe e Bennett, serve para indicar não apenas alguns dos caminhos percorridos na pesquisa, mas também a possibilidade de ampliar essa discussão para outras áreas e metodologias da história, tendo a fumicultura – ou qualquer produção de outro intoxicante – como perspectiva.

Como seus textos evidenciaram, quem desejasse compreender o tabaco deveria ter um sólido conhecimento da teoria humoral, das raízes gregas às interpretações árabes e aos questionamentos europeus modernos. Mais do que isso, demonstram-nos que a preocupação médica ia além da recomendação de regimes dietéticos, da produção de fármacos ou de alertas sobre perigosas misturas alimentares. Enquanto autoridades médicas, sua preocupação estendeu-se aos campos de tabaco, demonstrando-nos que a fumicultura deveria possuir uma estrutura particular que garantisse que o intoxicante produzido fosse potente e saudável.

Seria um ato plenamente especulativo supor que fumicultores da Virgínia se preocupavam com a execução da deflora e da desbrota para garantir que seu tabaco tivesse as propriedades medicinais adequadas. Suas atividades de plantio e cura visavam garantir o tabaco

⁸⁰ ROBERTS, B. B. *The “Marlboro Men” of the Early Seventeenth Century: Masculine Role Models for Dutch Youths in the Golden Age?*. Men and Masculinities: Vol.9, No.1, 2006, p.76-94. Disponível em: <https://journals.sagepub.com/doi/10.1177/1097184X05283483>. Acesso em: 25 jun 2026

⁸¹ EVERARD, 1659, p.43.

mais apazível possível para seus consumidores, que, na Inglaterra, compunham um exigente mercado, marcado pela concorrência de distintas regiões das Américas, como aludimos anteriormente. Nessa pesquisa, C. T. e Everard apontam para outro tipo de raciocínio na fumicultura, baseado na teoria humoral, cuja preocupação não era agradar o palato dos consumidores, mas sim sanar suas debilidades.

Referências

Fontes

A Counterblaste to Tobacco. Londres: R. Barker 1604

BENNETT, E. *A treatise deuided into three parts, touching the inconueniences, that the importation of tobacco out of Spaine, hath brought into this land viz. 1 In the first is shewed how treasure was vsually brought into this land. 2 In the second, what hath and doth hinder the bringing of it, with other inconueniences. 3 In the third, how to remedie the one, and the other*. Londres: John Budge 1620.

By the King, Proclamation for the vtter prohibiting the importation and vse of all tobacco, which is not the proper growth of the colonies of Virginia and the Summer Islands. Londres: Bonham Norton e John Bill, 1624

By the King, A Proclamation touching Tobacco. Londres: Bonham Norton e John Bill, 1626

C. T. *An aduice hovv to plant tobacco in England and how to bring it to colour and perfection, to whom it may be profitable, and to whom harmfull. The vertues of the hearbe in generall, as well in the outward application as taken in fume. With the danger of the Spanish tobacco*. Londres: Nicholas Okes, 1615.

EVERARD, G. *Panacea; or The universal medicine: being a discovery of the wonderfull vertues of tobacco taken in a pipe, with its operation and use both in physick and chyrurgery*. Londres: Simon Miller, 1659.

HAMOR, R. *A true discourse of the present estate of Virginia, and the successe of the affaires there till the 18 of Iune. Together with a relation of the seuerall English townes and fortes, the assured hopes of that countrie and the peace concluded with the Indians. The christening of Powhatans daughter and her marriage with an English-man*. Londres: John Beale, 1615.

ROLF, J. *A true relation of the State of Virginia lefte by Sir Thomas Dale Knight, in May 1616*. New Haven: Yale University Press: 1951.

STRACHEY, W. *The Historie of Travaile into Virginia Britannia: Expressing the Cosmographie and Comodities of the Country, Together with the Manners and Customes of the People, Gathered and Observed as Well by Those Who Went First Thither as Collected by William Strachey, Gent., the First Secretary of the Colony*. Londres: The Hakluyt Society, 1849.

Obras gerais

- ANDERSON, S. C. *A matter of authority: James I and the tobacco war*. Comitatus: A Journal of Medieval and Renaissance Studies, Vol.29, No.01, 1998, p.136-163. Disponível em: <https://escholarship.org/uc/item/283701r0>. Acesso em: 11 jun 2026.
- COURTWRIGHT, D. T. *Forces of habits: drugs and the making of the Modern World*. Nova Iorque: Harvard University Press, 2002.
- COSNER, C. A. *The Golden Leaf How Tobacco Shaped Cuba and the Atlantic World*. Nashville: Vanderbilt University Press, 2015.
- COWARD, B.; GAUNT, P. *The Stuart Age, 1603-1714*. Londres: Routledge, 2017, ed. 5
- GOODMAN, J. *Tobacco in History: Cultures of Dependence*. Londres: Routledge, 1993.
- GURBERT, G. P. *Tobacco: the commodification of the Caribbean and the Origins of the Globalization*; In: SANSAVIO, E.; SCHOLAR, R. (ed.). *Caribbean Globalizations, 1492 to the Present Day*. Liverpool: Liverpool UP, 2015, p. 155-172.
- HORN, J. *Tobacco Colonies: The Shaping of English Society in the Seventeenth-Century Chesapeake*. In: Canny, Nicholas (ed.). *The Oxford History of the British Empire: The Origins of Empire*. Nova Iorque: Oxford University Press, 2001, p.170-192.
- LORIMER, J. *English and Irish Settlements on the River Amazon, 1550-1646*. Londres: Routledge, 1989.
- LORIMER, J. *The English trade and exploration in Trinidad and Guiana, 1569-1648*. Tese de doutorado apresentada à Universidade de Liverpool, 1973.
- MACINNES, C. M. *The Early English Tobacco Trade*. Londres: Mackays Ltd., 1926.
- MORGAN, P. D. *Virginia's other prototype: the Caribbean*. In: MANCALL, P. C. (ed.). *The Atlantic World and Virginia, 1550-1624*. Chapel Hill: University of North Carolina Press, 2007, p.342-380.
- NORTON, M.; STRUDNICKI-GIZBERT, D. *The multinational commodification of tobacco, 1492-1650: an Iberian perspective*. In: MANCALL, P. C. (ed.). *The Atlantic World and Virginia, 1550-1624*. Chapel Hill: University of North Carolina Press, 2007, p.251-273.
- ROBERTS, B. B. *The "Marlboro Men" of the Early Seventeenth Century Masculine Role Models for Dutch Youths in the Golden Age? Men and Masculinities*: Vol.9, No.1, 2006, p.76-94. Disponível em: <https://journals.sagepub.com/doi/10.1177/1097184X05283483>.. Acesso em: 25 jun 2026.
- ROWLEY, A. R. *How England Learned to Smoke: The Introduction, Spread and Establishment of Tobacco Pipe Smoking in England before 1640*. Tese de doutorado apresentada à Universidade de Iorque, 2003.
- SCHIVELBUSCH, W. *Tastes of Paradise: A Social History of Spices, Stimulants and Intoxicants*. Nova Iorque: Pantheon Books, 1992.
- TURPIN, R. S. *The Political Economy of Tobacco in the Seventeenth Century English Atlantic*. Tese (Doutorado em História) apresentada à Universidade de Purdue, 2017.
- WITHINGTON, P. *Addiction, intoxicants, and the humoral body*. The Historical Journal: Vol.65, No.01, 2022, p.68-90. Disponível em: <https://www.cambridge.org/core/journals/historical-journal/article/addiction-intoxicants-and-the-humoral-body/B9FB875E597B2B31CA982C34AB80F354>. Acesso em 01 jul 2026.

WORKING, L. *Tobacco and the social life of conquest in London, 1580–1625*. The Historical Journal: Vol.65, No.01, 2022, p.30-48. Disponível em: <https://doi.org/10.1017/S0018246X21000261>. Acesso em: 01 jul 2026